

DIALÉTICA E RUPTURA EPISTÊMICA

Entrevista com Nildo Viana

Nildo Viana é sociólogo e filósofo; professor da Universidade Federal de Goiás (UFG); e autor de mais de 50 livros. Uma de suas últimas obras publicadas foi **A Dialética Revolucionária**. É sobre essa obra que gira a entrevista que busca trazer alguns elementos esclarecedores sobre a sua composição, o seu significado e sobre as questões abordadas e vinculadas à questão da dialética.



Sociologia em Rede: No início da obra, você apresenta a justificativa de produzir mais uma obra sobre a dialética em meio a tantas outras sobre a mesma temática. As deformações da dialética, a simplificação, entre outras razões, explicam isso. Contudo, uma dúvida que o leitor pode ter é sobre o que essa obra traz de novo em relação às suas obras anteriores que trataram da dialética, como, por exemplo, *A Consciência da História* e *Escritos Metodológicos de Marx*? A reflexão mais inovadora da obra é sobre a questão das categorias em dois capítulos da obra. Seria possível dizer que essa é a única novidade de sua obra? O restante já estaria em suas demais obras que tratam da dialética ou temas correlatos?

ENTREVISTA

Nildo Viana: Eu diria que ela traz de novo vários aspectos. Ela traz uma reflexão histórica, conceitual e crítica sobre as categorias que aparece em um breve ensaio de poucas páginas em *A Consciência da História*; traz um aprofundamento sobre a teoria da consciência e da teoria da realidade; traz uma indicação de uso do método dialético e das regras metódicas que são valiosas para qualquer pesquisador. Eu diria que a parte menos inovadora da obra é o primeiro capítulo que nem estava no plano original da obra, que é um histórico da dialética, coisa que eu já havia feito em um artigo e republicado no livro *A Pesquisa em Representações Cotidianas* (e a parte referente a Marx foi desenvolvido na obra *Escritos Metodológicos de Marx*). A inserção desse capítulo foi decidida para facilitar a compreensão por parte de leitores que não tinham acesso a outras obras minhas ou livros sobre história da dialética. Sem dúvida, é possível dizer que “desenvolvimento e aprofundamento” não é inovação ou algo original, o que é equivocado. Isso é equivocado por considerar que desenvolvimento e aprofundamento estariam apenas acrescentando elementos e por isso não seria algo original ou inovador. Se isso fosse verdadeiro, não existe nada de novo no horizonte intelectual da humanidade, pois nenhum pensador cria algo do nada e sem relação com a produção cultural anterior. Um saber novo é sempre continuação com desenvolvimento e aprofundamento de um saber anterior ou através de sua refutação e assimilação, a não ser em casos de fenômenos ainda não pesquisados. Desenvolvimento e aprofundamento é inovação e traz elementos originais vinculados com elementos já sedimentados e reconhecidos por quem realiza esses processos. A crítica, desde que não seja repetida, ou seja, se não foi realizada antes, também é inovação. O capítulo sobre teoria da consciência, por exemplo, reproduz vários elementos que estavam em outras obras, inclusive o próprio conceito que emerge em *A Pesquisa em Representações Cotidianas*. E essa é a parte mais desenvolvida da dialética, a começar pela obra de Marx. Mas tal teoria é retomada e ampliada. O conceito de consciência, por exemplo, é desenvolvido e novos elementos são acrescentados. Além disso, os conceitos de pensamento e razão são apresentados e é uma inovação importante para destacar mais um aspecto do caráter ativo da consciência. Embora a reflexão sobre esses dois elementos não tenha sido tão ampla quanto poderia – e havia razão para não fazer isso, pois a obra estava muito extensa e isso dificultaria sua acessibilidade – é algo que não constava nas demais reflexões sobre a consciência, gerando uma distinção entre esses termos. Junto com isso, a discussão sobre o caráter ativo da consciência e outros elementos – uma teoria da teoria, incluindo discussão sobre a possibilidade da verdade, entre outros aspectos – coloca a teoria da consciência num quadro muito mais vasto e completo do que nos textos anteriores. Em relação ao livro *Escritos Metodológicos de Marx*, ela vai muito

ENTREVISTA

além, pois não se limita ao que Marx apresentou sobre dialética. Em relação à obra *A Consciência da História*, que não é sobre Marx e sim ensaios livres sobre o materialismo histórico e a dialética, a diferença está em que a concepção materialista da história e outros aspectos do marxismo emerge sob forma secundária devido ao foco do livro e o que aparece em dez páginas sintéticas sobre consciência emerge em uma reflexão muito mais profunda em mais de 120 páginas. Porém, não devemos cair na ilusão produzida pela sociedade capitalista da constante necessidade de “originalidade” (inclusive por ela ser, no sentido de produção de ideias novas, muito rara, especialmente se também forem verdadeiras). O objetivo do escritor revolucionário varia com as obras, mas o compromisso com a verdade e com a transformação radical e total das relações sociais é mais importante do que a pretensão individual de originalidade. Em obras de divulgação não se verá muita “novidade”; em ensaios se verá novidades, mas não muito desenvolvidas; em obras teóricas ou de aprofundamento é que isso ocorre com maior frequência; além das obras que reúnem mais de uma dessas características. No livro “*Os Valores na Sociedade Moderna*”, por exemplo, há a produção de uma teoria dos valores; em “*A Mercantilização das Relações Sociais*”, uma teoria da mercantilização. No primeiro caso, a obra começa com definições variadas de “valores” e aponta para um novo conceito e isso gera várias outras inovações (axiologia, axionomia, discussão sobre qualidade de obra artística, etc.); no segundo caso, parte-se da teoria do mais-valor de Marx no primeiro capítulo para uma discussão inovadora sobre valor de uso, cálculo mercantil, mercantilização, riqueza monetária, etc. A verdade sobre a dialética marxista ao se mostrar as deformações que ela sofreu é tão importante quanto apresentar um desenvolvimento dela ao mostrar uma explicação teórica das categorias do pensamento e da dialética e, sem a anterior, essa última seria impossível. De qualquer forma, o que se poderia dizer é que a reflexão sobre as categorias é a que explora um elemento mais marginal em toda a discussão sobre dialética e a reinsere (ao contrário de autores como Cheptulin e outros) na história do desenvolvimento da consciência humana, determinada pela história social, ou seja, é abordada dialeticamente e não de forma abstratificada. Nesse sentido, dizer que é a única parte “inovadora” é apenas confusão ou uma forma equivocada de se exprimir.

Sociologia em Rede: As duas grandes referências citadas em suas obras sobre dialética seriam Karl Marx e Karl Korsch. O primeiro morreu em 1883 e o segundo em 1961. Geralmente você cita outros autores, como Labriola, o “jovem Lukács” e mais uns poucos, embora sem afirmar que contribuíram no mesmo patamar que os dois anteriores. A que se deve tão pouca contribuição para o desenvolvimento da dialética?

ENTREVISTA

Nildo Viana: Seria tentador para os reducionistas dizerem que isso é produto da pobreza intelectual reinante hoje. Porém, contribuições para a dialética são poucas desde que a sociedade capitalista surgiu. Eu destacaria algumas das determinações desse processo. Uma delas é a hegemonia burguesa com seus paradigmas hegemônicos sucessivos. A hegemonia burguesa e seus paradigmas hegemônicos deformam o marxismo, tanto na versão crítica quanto na versão assimiladora, tal como intérpretes e pseudomarxistas. A episteme burguesa é poderosa e domina as mentes na sociedade capitalista. Isso pode ser visto nas interpretações hegemônicas do pensamento de Marx. Na época do paradigma reprodutivista predominou a interpretação estruturalista (Althusser e seguidores) e na contemporaneidade, com a hegemonia do paradigma subjetivista, predomina a interpretação subjetivista. Até os termos que os pseudomarxistas (e até alguns marxistas) são os do paradigma hegemônico. Dos anos 1950 até o final dos anos 1970 os termos (e não só eles, como também uma determinada concepção cientificista, etc.) que dominavam eram “modelo”, “sistema”, “estrutura”, “função”, e isso era reproduzido pelos mais renomados pseudomarxistas, a começar por Althusser. A partir dos anos 1980, o paradigma subjetivista vai se tornando hegemônico e o predomínio dos termos “sujeito” e “subjetividade”, entre outros correlatos (inclusive o uso e abuso do plural, entre outros elementos) invade o pseudomarxismo. A concepção de dialética acaba sofrendo com isso, por num caso ela é assimilada pelo estruturalismo e outras ideologias reprodutivistas e, noutro, é assimilada pelo subjetivismo e ideologias subjetivistas. Mas isso ocorreu sempre. A primeira deformação da dialética nasce com Engels e sua concepção é basicamente positivista, pois este era o paradigma hegemônico da época, e que vai ser reproduzido por Bukhárin, Lênin e vários outros. A hegemonia burguesa só se enfraquece com a luta operária se intensifica e foi por isso que as obras de Lukács e Korsch, no início dos anos 1920, emergiram com as experiências revolucionárias russa, alemã, húngara e italiana. Uma outra determinação é a escolarização e obstáculos das instituições burguesas para o desenvolvimento da criatividade. Sem dúvida, isso está vinculado às ideologias burguesas que apontam para a existência de “gênios” e sua raridade. A escolarização, inclusive no âmbito universitário, não incentiva a criatividade e sim a reprodução. Não deixa de ser engraçado como alguns orientadores e pareceristas colocam em todos os parágrafos de um texto a observação sobre ausência de “fontes”. É como se o estudante – inclusive de mestrado e doutorado – e autores fossem incapazes de ter uma ideia própria e que todos os parágrafos precisam ter algum outro autor que seria a autoridade para poder afirmar algo. Claro que esse é um caso mais extremo, embora, infelizmente, comum, e mostra outra determinação desse processo: a educação capitalista mata a criatividade e gera pessoas

ENTREVISTA

com capacidade subdesenvolvida de criação (e isso tanto de ideias inovadoras, como de aprofundamento ou aplicação de métodos e teorias a fenômenos específicos). Um elemento adicional é que a episteme marxista é antagônica à episteme burguesa e essa reina amplamente e assim a dialética autêntica é marginalizada, pois é incompatível com as ideologias e paradigmas hegemônicos e a episteme burguesa, deixando os poucos indivíduos que superam o pseudomarxismo e se vinculam ao marxismo autêntico, sem recursos intelectuais apropriados para superar isso. Existem outras determinações, mas vou me limitar a essas para não alongar demais a resposta.

A ideologia inverte a realidade e, ao mesmo tempo, a mostra. Por isso as ideologias não são apenas falsidade, embora em sua totalidade e essência sejam falsas. O grau de veracidade e falsidade varia em cada ideologia particular. Weber continha mais elementos de verdade em sua obra do que Durkheim, assim como Freud muito mais do que Lacan. Na obra deste último, a verdade é tão rara que precisaria ser buscada com uma lupa, correndo-se o risco de nada se encontrar.

Sociologia em Rede: Em *A Dialética Revolucionária* se percebe uma crítica a Karl Popper em várias passagens, bem como a diversas concepções científicas. Porém, Marx dizia que tinha instituído um “socialismo científico”. A sua abordagem, no entanto, efetiva uma crítica geral da ciência e isso se relaciona com outras duas obras suas, *O Modo de Pensar Burguês – Episteme Burguesa e Episteme Marxista* e *Hegemonia Burguesa e Renovações Hegemônicas*. Ao mesmo tempo, no conjunto de sua obra é possível perceber o uso de ideias de diversos cientistas sociais e até fora da área de humanas, como Weber, Durkheim, Bourdieu, Freud, Jung, Fromm, entre diversos outros. Então um questionamento natural seria qual é a relação entre Marx e a ciência, bem como entre marxismo e ciência? A sua posição não seria oposta e contraditória entre a concepção de Marx de um socialismo científico e do marxismo que sempre se colocou como uma ciência (Lênin, Bukhárin, Lefebvre entre milhares de outros)?

Nildo Viana: A relação entre Marx e a ciência é interessante e complexa. Nunca é demais recordar que a oposição entre “socialismo científico” e “socialismo utópico” é uma criação de Pierre-Joseph Proudhon que Marx retomou e usou contra este, colocando-o entre os “utópicos”.

ENTREVISTA

Quando Marx usou esses termos retirados de Proudhon, foi no sentido de um debate político e polêmico para se distinguir dos utopismos e para tal o epíteto “científico” foi utilizado e nunca mais apareceu. Engels popularizou isso posteriormente num capítulo de *Anti-Dühring* que depois foi publicado como livro independente. Isso significa que o uso desse termo não quer dizer muita coisa e o seu significado era uma contraposição entre “utopismo” e “realismo”. Sem dúvida, em outros momentos e passagens Marx usa o termo “ciência” num sentido positivo, tal como nos posfácios a *O Capital*. Contudo, ao mesmo tempo o subtítulo dessa obra é “crítica da economia política”. Não se tratava de uma nova obra de economia e sim uma crítica da ciência econômica como ideologia (no sentido marxista do termo, ou seja, sistema de pensamento ilusório). O biógrafo de Marx, David McLelland, ofereceu uma explicação desse uso afirmando que ele usava o termo no sentido do idioma alemão, que é muito mais amplo e difere do que entendemos por ciência desde o positivismo até hoje. Porém, a explicação de Karl Korsch é mais adequada, pois ele coloca que Marx usava o termo ciência de acordo com a concepção de Hegel e, nesse caso, ela nada tem a ver com o empírico, neutralidade e coisas semelhantes, sendo, para este pensador, um saber verdadeiro e totalizante. Nesse caso, existiria uma ciência como saber verdadeiro e totalizante e, por outro, as várias ciências particulares, que são ideológicas. Contudo, Marx usava outro termo mais interessante e adequado do que ciência (nesse sentido amplo) que pode substituí-la, que é *teoria*. No livro *A Miséria da Filosofia*, por exemplo, ele opõe os economistas, que seriam ideólogos, com os comunistas, que seriam teóricos. Assim, a *ideologia é um sistema de pensamento ilusório* e a *teoria é um saber noosférico verdadeiro*. Claro que a maioria das pessoas tendem a discordar disso (não só do conteúdo, mas da forma), o que é explicável pela hegemonia burguesa, especialmente o paradigma subjetivista, que questiona “verdade”, por exemplo. Mas isso é apenas mais uma ideologia. A verdade existe e o problema está em alcançá-la, como fazer isso e usando que processos mentais e aí reside o valor da dialética. O meu objetivo, no entanto, não é a popularidade ou aceitação geral da minha obra e sim contribuir com a transformação radical e total da sociedade e para isso a verdade é uma necessidade e os poucos que concordem com ela já é suficiente e há um reforço recíproco entre transformação social e ampliação da verdade. Sem dúvida, a popularização e aceitação mais ampla contribui com essa luta, mas não pode ser a motivação predominante, pois isso geraria a necessidade de concessões e tornaria a mensagem deformada (e sua transformação em objetivo único significaria sua deformação, tornando o objetivo declarado falso e esconderia um objetivo real oculto). Isso esclarece que minha posição é a mesma de Marx, embora com mais clareza e desenvolvimento. McLelland afirmou que Marx ficava cada vez mais cético com a ciência em geral, a ponto de pensar que quanto mais

ENTREVISTA

esta se desenvolve, “mais perdemos o caráter”. Sobre a oposição com a concepção marxista, ela também não existe. Isso vale para o pseudomarxismo, sempre alinhado à episteme burguesa e seus paradigmas hegemônicos, como Bukhárin e Lênin vinculados ao positivismo, Althusser e seus seguidores vinculados ao estruturalismo, etc. A questão, no entanto, toca num outro ponto importante que é a minha referência a diversos autores das ciências humanas e outras áreas. Eu diria que não há contradição nenhuma nisso. As concepções de Max Weber, por exemplo, são ideológicas. E alguns podem notar que em certos momentos uso algumas de suas ideias e isso, aparentemente, seria contraditório. Contudo, não há contradição se superarmos a simplificação. O saber noosférico (complexo, como a ciência, a filosofia, o marxismo) se torna incompreensível a partir das simplificações e interpretações apressadas, sejam oriundas das representações cotidianas (“senso comum”), seja de concepções científicas limitadas e ideológicas. A ideologia é um sistema de pensamento ilusório, mas como destaquei em algumas obras (a primeira em que isso aparece é em *“Cérebro e Ideologia”*, que, aliás, efetiva uma crítica ao determinismo cerebral que vários cientistas defendem), ela possui “momentos de verdade”, pois se fosse falsidade pura ninguém acreditaria. A ideologia inverte a realidade e, ao mesmo tempo, a mostra. Por isso as ideologias não são apenas falsidade, embora em sua totalidade e essência sejam falsas. O grau de veracidade e falsidade varia em cada ideologia particular. Weber continha mais elementos de verdade em sua obra do que Durkheim, assim como Freud muito mais do que Lacan. Na obra deste último, a verdade é tão rara que precisaria ser buscada com uma lupa, correndo-se o risco de nada se encontrar. O que Weber escreveu sobre burocracia traz alguns elementos de verdade que são úteis na análise desse fenômeno particular, mas envolvido em diversas concepções limitadas e problemáticas que precisam ser descartadas. Então a concepção de burocracia de Weber pode ser assimilada pelo marxismo (e na obra em questão há uma explicação do que significa assimilação, que nada tem a ver com ecletismo), assim como a ideia de inconsciente em Freud. Marx fez exatamente isso. Basta ver a sua relação com a obra de Adam Smith e David Ricardo. Ele assimilou o que existia de assimilável na obra desses dois autores. E criticou o seu caráter burguês e ideológico. Isso foi diferente do caso de Malthus, um “sicofanta”, segundo sua expressão e que nada tinha de assimilável. Em síntese, o marxismo realiza uma crítica radical da ciência em geral e de todas as ciências particulares em suas especificidades, mas, ao mesmo tempo, pode assimilar aspectos dela sem se contradizer, se for através da assimilação. Não foi isso que fez Lênin, Bukhárin, Althusser e os pseudomarxistas subjetivistas de hoje, pois eles se renderam à força da episteme burguesa e seus paradigmas hegemônicos.

ENTREVISTA

Sociologia em Rede: É possível dizer que *A Dialética Revolucionária* tem um subtema subdesenvolvido no seu interior que é a crítica da ciência? Isso não traria o risco de aproximação com o chamado “negacionismo” e concepções irracionaisistas?

Nildo Viana: Sim, é possível colocar dessa forma. Sem dúvida, não tem como falar de dialética sem realizar o seu confronto com os chamados “métodos científicos” e com a ciência em geral e seus procedimentos, mas o foco da obra era construtivo e não crítico. Então a crítica da ciência emerge e em alguns momentos com mais desenvolvimento, mas em outros pouco aparece, além de críticas pontuais. A crítica do empiricismo é um desses momentos e um dos elementos que diferenciam a teoria marxista da realidade das ideologias empiricistas, bem como a crítica da concepção durkheimiana da origem social das categorias, que é uma questão mais pontual. A crítica a Karl Popper é constante e inclusive com tom humorístico, pelo fato de sua obra tem grande influência e atrai até cientistas naturais e popularidade (basta ver sua emergência em séries como *O Jovem Sheldon*, o que mostra sua relativa popularidade), apesar de suas simplificações que estão aquém das ciências humanas, por mais que estas possuam problemas, mas são mais refinadas no plano metódico. Mas a crítica da ciência não é o foco e o tema. Um “subtema” que aparece em algumas passagens e com mais desenvolvimento em algumas partes, bem como aparece menos em outras e recebe apenas algumas rápidas referências em certos momentos. Uma crítica da ciência pode ser produto de uma obra posterior, vinculada a uma teoria da ciência. Uma teoria da ciência teria não só que desenvolver o conceito de ciência, mas também explicar suas condições de possibilidade, suas determinações, seus vínculos, etc. Em *O Modo de Pensar Burguês* alguns desses elementos são desenvolvidos. Em *Hegemonia Burguesa e Renovações Hegemônicas* isso é historicizado e alguns novos elementos apresentados. Uma síntese e desenvolvimento dessas reflexões deveriam ser retomados numa teoria da ciência. Isso, no entanto, não está nos meus planos pelos próximos anos, já que tenho outros projetos em andamento e planejados. A respeito de aproximação com negacionismo e irracionismo é algo impensável para quem lê a obra, que defende a possibilidade de um saber verdadeiro e oferece uma explicação sobre o conceito de razão. O irracionismo questiona a razão em si e o marxismo critica as formas ideológicas assumidas pela razão e, em seu lugar, emerge a razão dialética, que é desenvolvida no livro em questão e é a refutação cabal de qualquer relação com irracionismo. As aproximadamente 700 páginas do livro são suficientes para quem ler não ter nenhuma possibilidade de equívoco nesse sentido. Sobre o chamado “negacionismo”, ele é apenas um subproduto do paradigma subjetivista que foi assimilado por conservantistas e sua pobreza é tão grande que nem merece comentário, pois seu

ENTREVISTA

questionamento da ciência não é embasado em teoria e sim em crenças conspiracionistas, tradicionalistas, religiosas. A crítica marxista dirigida à ciência e à razão fundamenta-se no reconhecimento de que ambas possuem limites, encontram-se vinculadas aos interesses da classe capitalista e reproduzem ilusões, entre outros aspectos. Tal crítica, contudo, não se confunde com a negação da capacidade humana de entender a realidade e atingir a verdade.

Sociologia em Rede: Qual é a relação entre as duas obras citadas anteriormente e *A Dialética Revolucionária*? Ou não existe relação direta?

Nildo Viana: Eu diria que há uma relação. Nessas duas primeiras obras temos mais o momento negativo, de crítica; e n’*A Dialética Revolucionária*, o momento positivo. Além dessa relação mais facilmente perceptível, é possível destacar que a episteme marxista é apresentada nas duas obras, mas não é desenvolvida suficientemente. Em *A Dialética Revolucionária*, um dos campos mentais da episteme marxista, que é o campo analítico, recebe um tratamento que efetiva seu desenvolvimento, e as críticas à ciência que aparecem na parte da teoria da consciência e da teoria da realidade, são relacionadas com ele, embora em algumas passagens vá além disso (entrando no campo axiomático, por exemplo). Mas seria necessário, para uma compreensão mais profunda da episteme marxista, desenvolver obras sobre os seus demais campos analíticos (a teoria da realidade em *A Dialética Revolucionária* já remete para o campo perceptivo, que é um elemento pouco desenvolvido da episteme marxista) no sentido de seu aprofundamento. No caso do campo linguístico, Lucas Maia contribuiu com a obra “*Leitura Epistêmica de O Capital*”, na qual aborda os conceitos desenvolvidos por Marx em sua obra fundamental. Eu não diria que é uma “relação direta”, pois não se trata de uma “trilogia”, como se poderia pensar, mas sim de uma obra que foi dividida em dois volumes (esse era o plano original e explicitados na introdução das duas obras), por um lado, e uma outra obra, que tem relações e desdobramentos, mas que não é uma continuação.

A crítica marxista dirigida à ciência e à razão fundamenta-se no reconhecimento de que ambas possuem limites, encontram-se vinculadas aos interesses da classe capitalista e reproduzem ilusões, entre outros aspectos. Tal crítica, contudo, não se confunde com a negação da capacidade

ENTREVISTA

humana de entender a realidade e atingir a verdade.

Sociologia em Rede: Um questionamento que se pode realizar em relação ao livro *A Dialética Revolucionária* é ela ser muito pretensiosa. E, ao lado disso, seria uma obra injustificada, pois o autor não é um cientista natural ou não é representante dos grandes centros intelectuais mundiais (Estados Unidos e Europa) ou mesmo do Brasil (eixo Rio-São Paulo). Como responde a tais questionamentos?

Nildo Viana: Esse questionamento é que é injustificado. Infelizmente, é muito comum. Num plano mais geral, é um argumento *ad hominem*, ou seja, questiona o autor e não refuta a obra. Até as concepções científicas burguesas questionam esse procedimento, pois é muito limitado. E aqui temos novamente a repressão da criatividade e sua vinculação com as instituições burguesas mais renomadas e influentes. Isso faz parte do processo capitalista de controle do saber, visando filtrar e marginalizar aquilo que vai contra ela, mas não através da racionalidade e sim da simples desqualificação fundadas em critérios extra-intelectuais. Assim, eu diria que a obra pode até ser considerada “pretensiosa”, mas no sentido positivo do termo, que é a ação de pretender ou de possuir a intenção de fazer algo, que, no caso, era desenvolver e expor o método dialético (e tudo que é derivado e vinculado a isso, inclusive a crítica da ciência). Claro que isso pode aparecer como muito “ambicioso”, mas quando qualquer escritor (seja Freud e a psicanálise, Marx e a teoria do capitalismo, por um lado, seja um graduando que faz uma monografia sobre os mitos no mundo moderno ou sobre o movimento estudantil apresentando ideias inovadoras) pode ser considerado assim. Nesse sentido negativo, só teria sentido se a obra fosse um fiasco, se contivesse problemas e falhas perceptíveis de qualquer perspectiva, pois aí o problema seria de ordem racional. Como não há isso na obra (e somente os não-leitores poderiam dizer isso), então isso é uma pseudocrítica. O discurso de autoridade ao se referir aos “grandes centros – nacionais ou internacionais – e produção intelectual” ou “nacionais” apenas escondem os limites da pseudocrítica. Ela já deveria saber que da perspectiva marxista isso não tem sentido, pois esses grandes centros são vinculados ao poder, ao mercado, e, por conseguinte, são reprodutores das ideologias burguesas. Não se encontra saber verdadeiro na produção intelectual nesses lugares. E aqui novamente se coloca em questão de onde pode emergir o saber verdadeiro. Um dos critérios burgueses é o reconhecimento científico, que é vinculado a determinadas instituições burguesas ou então popularidade seletiva (meios científicos) ou geral (meios de comunicação e população). Esses dois elementos garantem a

ENTREVISTA

hegemonia burguesa, tal como coloquei no livro sobre isso. Em um ambiente ideológico, o saber que brota dele é a ideologia. Esse é o caso exemplar de Darwin, tal como coloquei no livro *A Verdade sobre o Darwinismo*, pois o ambiente evolucionista em que ele desenvolveu sua concepção apenas explica como estar no lugar certo e na hora certa é suficiente para ser eleito um “grande pensador” do pensamento hegemônico. E essa imagem de “grande pensador”, por sua vez, gera uma predisposição em relação a ele, tanto de leitores como não-leitores, que é a de idolatrá-lo. Quem lê criticamente a obra dele percebe que é perpassada por equívocos e afirmações simplistas e um dos motivos de seu sucesso é essa predisposição. Assim como existe também uma predisposição negativa em relação a outros pensadores. Os antimarxistas exemplificam isso no caso de supostos leitores de Marx. O critério marxista para se julgar a verdade ou inverdade de um escrito é a sua substância, ou seja, está nas próprias afirmações contidas na obra e seu confronto com a realidade e com outras concepções e argumentos. No plano externo, isso remete ao problema dos interesses e valores que estão por detrás do escrito, o seu campo axiomático ou perspectiva de classe. Nesse sentido, existe o critério interno, o escrito e suas afirmações e confronto com a realidade e outros argumentos/concepções, e o critério externo, que traz a necessidade da perspectiva do proletariado. No primeiro caso, a crítica só pode ser feita após sua leitura e análise confrontando-o com a realidade e outras concepções. Aqueles que não querem ler e criticam não passam nesse critério. Aqueles que leram, mas não conseguem mostrar que a realidade é diferente do que está no escrito e que outras concepções são mais adequadas, também não. Claro que essa última possibilidade existe, mas como parte de outra concepção, os seus critérios seriam outros. Por exemplo, um empirista pediria material empírico para comprovar cada afirmação feita e ao não encontrar poderia dizer que é falso. Porém, isso é derivado de uma concepção limitada de realidade – criticada no próprio texto – e por isso tal afirmação teria que ser complementada com a refutação da teoria da realidade apresentada no texto e defesa e fundamentação de outra concepção, o que é pedir demais para um pobre empirista. No segundo caso, a discussão giraria em torno da neutralidade ou não da produção intelectual, pois os críticos burgueses ou burocráticos não admitiriam a discussão sobre perspectiva de classe. Porém, a neutralidade é impossível e sua defesa ou tentativa de concretização é prejudicial ao desenvolvimento do saber. Os interesses e valores não são obstáculos para o saber, mas sim determinados valores e interesses, que são os vinculados à perspectiva burguesa. A própria verdade deve ser um valor e isso é um incentivo para o saber e não obstáculo. Além da perspectiva de classe, outra razão para uma crítica adequada seria o autor não demonstrar possuir saber sobre aquilo que escreve. Sem dúvida, isso caberia no meu caso se eu não tivesse leituras sobre dialética. Afinal, como alguém escreve um

II

ENTREVISTA

livro sobre dialética se não leu outras obras existentes sobre ela? No entanto, não é esse o caso e o primeiro capítulo é justamente uma breve história da dialética. Existem aqueles que afirmam isso por “suposição” (desconhecer o autor e a obra e assim “supõe” que não haja leitura, por exemplo) ou por má-fé (tal como no caso de um livrinho que escrevi criticando Gramsci e um pseudocrítico afirmou que não li esse autor... o que não tem sentido, pois bastava ler a obra para ver várias citações textuais... esse tipo de pseudocrítica visa desqualificar e se origina na interpretação diferente que seria a única motivação para tais afirmações descabidas, pois, se fosse crítica fundamentada, ao invés disso, apresentaria a sua interpretação e refutaria a que discorda). Esse conjunto de questionamentos, por sua vez, poderiam ser direcionados para todo e qualquer indivíduo, pensador, escritor. Marx, Freud, Darwin, Nietzsche, Sylvia Pankhurst, Karl Korsch, Florestan Fernandes, Paulo Freire e qualquer outro indivíduo, do mais ou menos famoso, que tenha escrito algo. Assim, esses questionamentos são pseudocríticas que não se sustentam. O seu relativo sucesso apenas mostra que o nível intelectual geral dos meios intelectualizados é muito baixo e correspondente a determinados interesses pessoais que, por sua vez, correspondem aos interesses da classe dominante.

Em um ambiente ideológico, o saber que brota dele é a ideologia.

Sociologia em Rede: A dialética é apresentada como um “método” e isso não seria torná-la equivalente aos métodos das ciências naturais e humanas, não significa empobrecê-la e torná-la semelhante aos procedimentos da episteme burguesa, o que, por sua vez, não seria uma contradição?

Nildo Viana: Quem ler o livro sabe que não, pois lá está explicitado a crítica dessa confusão entre o método dialético e os métodos científicos. Esses últimos são variações do campo analítico da episteme burguesa, com os limites intransponíveis desta. O método dialético é recusado por alguns supostos marxistas e o seu significado se perde, especialmente na concepção ontologista. O ser humano se depara com a realidade não imediatamente, mas através da mediação do seu corpo, seus sentidos e, fundamentalmente, da sua mente e cultura. E ele faz isso num contexto sócio-histórico que lhe produz interesses, valores, etc. Nas sociedades tribais, marcadas pela homogeneidade cultural, não existem grandes divergências sobre os fenômenos e sua interpretação, mas nas sociedades de classes, com suas subdivisões,

ENTREVISTA

o processo de percepção da realidade é mais variado e, em alguns casos, como o da episteme marxista e episteme burguesa, é antagônico. Porém, é necessário colocar que nem tudo que foi criado pela sociedade capitalista é negativo e deve ser descartado, pois, devido aos interesses da burguesia, alguns elementos foram produzidos e servem para o processo de humanização e para o desenvolvimento da consciência, especialmente se forem analisados criticamente e adaptados a uma sociedade humanizada. A ciência é a forma dominante de ideologia dominante no capitalismo e produziu diversas ideologias e processos vinculados de pesquisa que são prejudiciais para o desenvolvimento de um saber verdadeiro. Contudo, existem alguns momentos de verdade e alguns processos que possuem certa utilidade. Esse é o caso da criação de métodos de pesquisa, pois isso significa pesquisar a partir de reflexão sobre como fazer isso, sobre os procedimentos, os obstáculos, o que significa autoconsciência. No entanto, devido ao seu vínculo com a episteme burguesa, esse processo é limitado e acaba se tornando uma mistificação, o que a dialética resolve ao superar os métodos científicos e em seu lugar produzir um método muito superior, mais amplo e desenvolvido. Marx partiu das concepções burguesas da filosofia hegeliana e da economia política, por exemplo, para elaborar o método dialético. Então é preciso evitar o negacionismo simplista e a ideia de que tudo que vem da sociedade capitalista é prejudicial, o que não deve ser pretexto para realizar o processo contrário, como apresentar tudo como positivo, defender o ecletismo, perder a criticidade em relação à ciência, etc. Logo, não há nenhuma contradição nesse sentido na referida obra.

Sociologia em Rede: Existiria então uma “linha evolutiva” entre ciência e marxismo? A ideia é a de que o marxismo levaria o saber científico às suas últimas consequências, superando-a e conservando-a ao mesmo tempo, ou, para usar termo trabalhado no livro, sua “suplantação”?

Nildo Viana: Não exatamente. A concepção evolucionista do saber gostaria de tal ideia, mas a recusaria por situar o fim da evolução intelectual humana com a episteme burguesa. A ciência promoveu alguns avanços na consciência humana, mas impediu outros e promoveu uma grande estagnação intelectual. Aristóteles, por exemplo, era muito mais avançado na sociedade escravista do que a maioria dos cientistas na sociedade burguesa. Um pesquisador mediano tem uma concepção de realidade (que não chega a ser ideológica, pois não ultrapassa o nível dos ideogramas oriundos da sua ciência particular, por exemplo) muito limitada e isso é um obstáculo, entre outros. O quantitativismo, o empirismo, a ingenuidade, os modelos, etc., acabam dificultando o processo de desenvolvimento do pensamento. No livro há um bom exemplo, que é o da extinção dos dinossauros, que sempre é pensada (tanto na tese dominante

ENTREVISTA

quanto nas concorrentes) a partir da ideologia evolucionista (darwinista ou outra) e isso impede, por exemplo, a hipótese da extinção por involução. A involução como possibilidade concreta é excluída pela ciência e assim os cientistas pensam a partir de modelos e concepções anteriores que são, na maioria das vezes, obstáculos que dificultam encontrar novas soluções (e o desenvolvimento da criatividade também). A tecnointeligência (“inteligência artificial”), por sua vez, é atingida por esse processo, pois basta sugerir algo de difícil solução para criar um bug nela, pois ela não dá conta de gerar soluções fora dos parâmetros consolidados do pensamento científico. Ela pode até compreender e reproduzir outras formas de consciência (a astrologia, as religiões, etc.), mas a sua base interpretativa continuará a mesma, mesmo quando é solicitada trabalhar com essas concepções. Para entender criticamente a ciência e entender o seu significado histórico, temos que partir do marxismo que se vincula ao futuro e não ao presente. Imagine um pesquisador da história da humanidade daqui 500 anos e ele observando a sucessão de produções culturais na história da humanidade e percebendo que a cada sociedade e época, determinadas ideias eram consideradas verdadeiras e até inquestionáveis, e sua eficácia relativa ajudava a confirmar isso, e, posteriormente, num momento histórico posterior, ser considerada ilusões e equívocos risíveis. É isso que a ciência faz em relação à teologia medieval e à filosofia antiga. Afinal, quem consideraria entender a natureza hoje a partir dos “quatro elementos” ou então a partir da existência de um Deus sendo um cientista? Tirando alguns cientistas ambíguos ou confusos, em parte devido sua formação, ninguém pensaria nisso. E nessa percepção histórica, se a humanidade não se autodestruir e continuar existindo por esse período, a ciência moderna também se tornará risível e milhares de supostas “teorias” cairão por terra. O problema é que esse exercício é difícil hoje e só existe o marxismo que pode fazê-lo e este enfrenta a marginalização, inclusive devido ao vínculo da ciência com o capitalismo, o que gera sua força hegemônica e a recusa da episteme marxista.

Sociologia em Rede: Esse caráter risível da ciência moderna não poderia ocorrer também com a dialética em particular e o marxismo em geral? Ele não seria tão datado quanto a ciência?

Nildo Viana: De certa forma, isso é difícil prever. O marxismo também possui limites, obviamente. Um dos limites é o seu caráter de crítica revolucionária, que muitas vezes pode exagerar e assim poderia, supostamente, não reconhecer alguns méritos e conquistas da ciência moderna. Porém, mesmo que exagere e questione alguns avanços, isso não é a sua totalidade como concepção. Outro elemento que poderia ser colocado é justamente o contrário: o marxismo, por assimilar elementos das variadas ciências particulares poderia reproduzir alguns

ENTREVISTA

de seus problemas e, assim, também reproduziria equívocos semelhantes. Sim, isso também é possível. Porém, a assimilação é crítica e isso diminui tal possibilidade. Outros obstáculos seria as informações e suas fontes, muitas vezes, retirada das diversas ciências particulares. Apesar de todos esses elementos (e aqui estamos tratando da dialética marxista em si e não nos indivíduos concretos com seus limites para sua apreensão e utilização) existirem, eles não alteram o fato da dialética ser muito superior à ciência e, no atual momento da humanidade e estágio de desenvolvimento da consciência humana, é o mais avançado que possuímos. E isso se explica por sua essência revolucionária, por não ter os limites da episteme burguesa vinculada com interesses e valores prejudiciais ao desenvolvimento do saber. O marxismo não nega a história, a reafirma; ele refuta o reducionismo e o antinomismo. Esses elementos (anistorismo, reducionismo, antinomismo) da episteme burguesa criticados e superados pelo marxismo e, por conseguinte, pela dialética, mostram sua superioridade. Porém, com o desenvolvimento da consciência humana, inclusive a partir da dialética, é possível um avanço que torne alguns elementos ultrapassados e que não são os mais adequados e outros podem surgir para superá-los. E é claro que, numa sociedade autogerida, a teoria do capitalismo de Marx, e os desdobramentos de outros pensadores posteriores a respeito dela, perderá a importância crucial que tem hoje, pois será uma teoria de uma sociedade que já não mais existe. Para uma análise histórica, tal como se faz hoje do feudalismo, será importante, mas para o presente e o futuro da sociedade autogerida já não será mais tão importante. Uma teoria da sociedade autogerida não seria controversa por não existir classes sociais e disputas ideológicas, bem como por ser uma sociedade transparente e sem luta de classes, a própria importância de sua explicação diminui e a humanidade tende a enfatizar, doravante, o desenvolvimento do saber sobre a natureza e o universo. A dialética, por sua vez, tende a ser mais duradoura e preservada, já que ela traz um método de pesquisa, que pode ser aperfeiçoado e desenvolvido e que não tem os limites da ciência e dos métodos científicos, já que não possui os seus vínculos e caráter ideológico. O marxismo, como um todo, por unir o singular e o universal, a particularidade e a totalidade, é muito superior e os seus elementos mais datados são acompanhados por outros que vão além disso. Contudo, a história responderá a tais questões concretamente e a tendência é que a resposta seja favorável ao marxismo, mesmo com alguns elementos problemáticos encontrados e superados.

E é claro que, numa sociedade autogerida, a teoria do capitalismo de Marx, e os desdobramentos de outros pensadores posteriores a respeito dela, per-

ENTREVISTA

derá a importância crucial que tem hoje, pois será uma teoria de uma sociedade que já não mais existe. Para uma análise histórica, tal como se faz hoje do feudalismo, será importante, mas para o presente e o futuro da sociedade autogerida já não será mais tão importante.

Sociologia em Rede. Na obra emerge algumas mudanças formais que são apresentadas na introdução. Esse é o caso do infotexto, do uso da primeira pessoa do plural e da primeira pessoa do singular, entre outras. Qual foi a razão dessas inovações formais?

Nildo Viana: A escrita é um fenômeno social e histórico e a sua forma dominante hoje está vinculada ao que é hegemônico. Aliás, a tentativa de impor uma linguagem subjetivista vinculado ao paradigma hegemônico atual é uma demonstração disso. Existem regras que são compreendidas como “verdades inquestionáveis” por parte dos pesquisadores e isso é muito problemático. Existem as normas e sugestões, por exemplo, de não repetir palavras em nome da elegância da escrita. Num texto teórico, que trabalha com conceitos (que raramente possuem “sinônimos”) e não com signos comuns, a repetição é uma necessidade se se quiser garantir maior clareza e fidedignidade. Mas no capitalismo a aparência é mais importante do que a essência, bem como a forma – vinculada à aparência – ganha primazia sobre a substância (conteúdo). Isso vale para a escrita. Um escritor revolucionário, por sua vez, tem que lutar em duas frentes simultâneas: dizer o que quer dizer e por isso romper com vários formalismos e outros problemas da escrita burguesa, mas ao mesmo tempo não pode realizar um rompimento total, pois isso gerar mais um motivo para cair em descrédito e assim diminuir a possibilidade de sua contribuição ser mais conhecida, divulgada, e, por conseguinte, ter maior eficácia. Muitas vezes o compromisso com a verdade ou com o que é mais adequado se esbarra no processo de ser compreendido, divulgado, etc. Nessa obra, em específico, alguns elementos formais diferentes precisaram ser inseridos sem cair no exagero e na criação de mais uma dificuldade para difusão da obra. Por isso eu diria que algumas inovações formais foram necessárias e outras nem tanto, bem como diversas outras poderiam ter emergido, mas geraria outros tipos de problemas. O uso da primeira pessoa do plural e da primeira pessoa do singular foi explicado na introdução, pois meu estilo é sempre usar o “nós”, já que considero minha obra é um produto social e histórico, coletivo, que expressa a perspectiva do proletariado, mas, ao mesmo tempo, em alguns momentos, remete para experiência individual e processos mais

ENTREVISTA

específicos. A ideia de coerência estilística durante o texto não se aplica nesse caso. E a concepção de linguagem científica como “impessoal” é ideológica, pois é um indivíduo concreto que manifesta interesses coletivos concretos que escreve. No caso do infotexto, o seu uso foi por uma questão mais pragmática que é evitar notas de rodapé muito extensas. O nome é uma inovação minha, mas a ideia já existe (algumas semelhantes e sob outras formas e com outros objetivos) e que me inspirei nos livros da coleção de livros franceses, *que sais je?* (republicada em idioma português pela Difel com o título “saber atual”). Com o infotexto o autor não precisa ficar preocupado com a extensão da nota de rodapé. Então essas inovações são pragmáticas e vinculadas, em parte, à extensão da obra e características específicas, outras já são mais gerais e podem – e efetivamente estou utilizando – em outras produções, especialmente o infotexto.

Sociologia em Rede: Um dos elementos interessantes que aparece na obra é a questão do emaranhado relacional. Não há um infotexto sobre isso. O que seria um emaranhado relacional?

Nildo Viana: Esse termo aparece na discussão sobre as categorias da dialética. É uma busca de compreensão das categorias da dialética e suas relações. Geralmente, no plano das categorias, se apresentar um par (às vezes um trio) de categorias que excluem outras categorias. Assim, é possível, por exemplo, usar o par categorial totalidade-particularidade ou, usando categorias simples para ser mais facilmente entendido, alto-baixo. A totalidade, no entanto, possui historicidade e, por conseguinte, se relaciona com as categorias temporais. Logo, as categorias de historicidade e outras relacionadas também emergem. Ela se relaciona também com as categorias de essência e existência, pois, no interior de uma totalidade, existe o essencial e o existencial, e as particularidades no seu interior podem ser existenciais e uma é essencial. Veja, que ao invés de apenas um par categorial, temos diversas categorias se relacionando, diversos pares categorias, etc. É esse conjunto de relações categoriais, nas quais uma se mistura com a outra, que forma vários “fios” que se misturam transversalmente. Isso contribui para o método dialético conseguir analisar a realidade. Por exemplo, as relações entre grupos sociais no capitalismo são analisadas como particulares (homens/mulheres; negros/brancos; crianças/jovens/adultos/anciãos, etc.), mas não estão isolados de outras relações (classes sociais, que são grupos mais amplos) e de outros processos diferenciados (Estado, capital, etc.). Um exemplo de mais fácil entendimento, como o das categorias alto-baixo pode ser expressar através da necessidade de uso de outras categorias para analisá-las concretamente. O “alto” e o “baixo” são categorias relativas e isso só pode ser explicado usando a categoria de relativização

ENTREVISTA

(e não relação), bem como pode gerar a necessidade de outras categorias para discernir diferenciações no seu interior, tal como o uso das categorias “mais”, “muito”, “menos”. O baixo pode ser “mais” ou “menos” baixo, assim como o alto. Resumindo, o emaranhado relacional é um termo que expressa que as relações são complexas e transversais e isso está no plano das categorias e no plano da realidade. Isso, sem dúvida, é inaceitável para as concepções simplistas, deterministas, monocausais, etc. e o reducionismo da episteme burguesa que domina o pensamento científico é um obstáculo para seu reconhecimento.

Sociologia em Rede. O elemento da dialética mais desenvolvido é a “teoria da consciência”. Por outro lado, a teoria da realidade é pouco desenvolvida e o livro trata disso sob forma bem mais aprofundada do que em outras oportunidades. Qual é a importância de uma teoria da realidade para o marxismo e para o desenvolvimento da consciência humana?

Nildo Viana: A teoria da realidade possui importância fundamental para o desenvolvimento da consciência humana. As concepções limitadas da realidade são limitadoras da ampliação da consciência sobre o mundo real, ou seja, sobre tudo que nos cerca e se encontra dentro e fora de nós. Conceber a realidade como “matéria”, por exemplo, é um elemento de estagnação para o desenvolvimento da consciência. E isso pode ser visto nas ideologias do cérebro, no qual querem “localizar” num lugar “material” os fenômenos psíquicos, ao invés de se perguntar como estes são possíveis, como eles podem existir sem um local material no cérebro humano? A concepção limitada impede o questionamento e a busca da explicação correta, pois induz a uma busca estéril que gera respostas incorretas, que é encontrar “localizações” no cérebro humano. Alguns podem dizer, a favor dessas concepções simplistas, que existem tecnologias que mostram onde o “medo”, por exemplo, está no cérebro. Isso é totalmente equivocado. O que a tecnologia pode identificar é que, quando uma pessoa está com medo, há um certo efeito psíquico que pode ser visto através dela e não sua localização. A localização não é a fonte do “medo” e sim seu lugar de manifestação. Aqui temos o recurso ideológico famoso de inverter a realidade, substituindo o determinante pelo determinado e o determinado pelo determinante. O local onde o efeito psíquico emerge passa a ser confundido como a fonte de sua existência. De onde vem o “medo”? De algo externo ao indivíduo (ou interno, em casos mais raros, mas esse interno não é a localização e sim processos psíquicos complexos na mente do indivíduo), como, por exemplo, ver um animal selvagem, uma pessoa portando arma de fogo, etc. Ao ter esse impacto, a mente do indivíduo desperta essa emoção (o temor, que, para simplificar, estou denominando “medo”, pois o primeiro é uma emoção e o segundo um sentimento, pois é mais

ENTREVISTA

conhecido dessa forma) e isso gera um efeito psíquico num determinado lugar do cérebro (e que às vezes se altera, o que ficou conhecido como “função vicariante do cérebro”) e o uso da tecnologia permite ver isso e daí se cria a ilusão de que ele nasceu lá, o que é algo totalmente sem sentido. Isso seria o mesmo que dizer que, quando uma luz forte atinge os olhos de uma pessoa, ela reage através do “reflexo de ofuscamento”, e isso seria um produto do olho e não da luz forte externa. Sem dúvida, há uma relação, o olho reage, mas no mundo invertido da ideologia, ele cria ao invés de reagir. É preciso, como coloco no livro, reconhecer a complexidade da realidade (e que retoma também a questão do emaranhado) e que as ciências naturais e as ciências humanas não reconhecem – ou o fazem inadequadamente e de forma insuficiente, quando o tentam –, o que significa um limite para o desenvolvimento da consciência humana. Essa foi a razão do esforço intelectual apresentado nesse capítulo para definir o conceito de realidade, discutir sua complexidade, sua inteligibilidade, entre outros aspectos. Sem uma teoria da realidade, uma teoria da consciência é incompleta, bem como um método sem uma compreensão mais profunda desses elementos, seria muito limitado.

Assim, esses questionamentos são pseudocríticas que não se sustentam. O seu relativo sucesso apenas mostra que o nível intelectual geral dos meios intelectualizados é muito baixo e correspondente a determinados interesses pessoais que, por sua vez, correspondem aos interesses da classe dominante.

Sociologia em Rede: No livro emerge várias vezes a expressão “imaginação hipotética”. O que isso significa?

Nildo Viana: Essa é uma boa pergunta e caberia um infotexto explicando isso, bem como o “emaranhado relacional” e, talvez eu acrescentasse em uma revisão da obra. A imaginação é um componente da mente humana. Estou pesquisando isso no plano de desenvolvimento de uma teoria da mente, vinculado a um desenvolvimento da psicanálise. Esse componente da mente humana assume várias formas e se vincula ao processo de criatividade que pode ser mais ou menos consciente e pode ser usado, no âmbito da consciência, sob várias formas, tal como criar obras artísticas. A imaginação hipotética é uma forma de uso consciente dela para criar relações e gerar hipóteses. Um cientista muitas vezes usa imaginação hipotética e, posteriormente,

ENTREVISTA

consegue ultrapassar o nível imaginativo e elabora uma tese ou teoria adequada. A imaginação hipotética é um uso consciente da imaginação. Porém, aquele que a usa pode desconsiderar que ela é uma imaginação hipotética e se iludir, pensando que é uma teoria. Assim, se eu afirmo que a extinção dos dinossauros ocorreu por causa de um processo de involução, estou usando a imaginação hipotética, pois é uma afirmação que usa a imaginação para criar uma hipótese e não uma reflexão conclusiva baseada em informações sobre a realidade (claro que há sempre informações sobre a realidade, pois os dinossauros realmente foram extintos e seus braços são realmente atrofiados, etc., mas não são suficientes e a reflexão não é conclusiva, sendo apenas ponto de partida para desdobramentos mais profundos). Se outro indivíduo diz que a extinção dos dinossauros foi provocada por um meteoro, também está usando uma imaginação hipotética (que pode ser mais convincente, ter mais informações em matéria de quantidade, etc.). O primeiro pode ter consciência de que se trata de imaginação hipotética e o segundo não, pois pode considerar que isso é “teoria”, ou algo “comprovado cientificamente”. A imaginação hipotética, quando consciente, é um recurso interessante para produzirmos hipóteses, testarmos possibilidades, ilustrarmos ideias, etc. Quando ela é insciente, pode ser mais problema do que solução. Na história da ciência, a imaginação hipotética foi e continua sendo soberana, mas, infelizmente, os cientistas raramente reconhecem isso. No contexto do livro, o uso desse termo serve para realizar a crítica da ciência, por um lado, e para ilustrar possibilidades interpretativas e outras formas de compreender a realidade.

Sociologia em Rede: *A Dialética Revolucionária* é uma obra sobre a consciência humana e sua manifestação específica e processos refletidos através do método dialético. E em suas obras você sempre traz a necessidade de entender o ser humano como uma totalidade, incluindo a mente humana, assim como busca, em outras obras, assimilar a psicanálise nesse sentido. Nesse caso, a obra não pecaria por deixar a psicanálise ausente? E outro questionamento, derivado desse, é qual é a relação entre psicanálise e dialética?

Nildo Viana: A resposta a essa pergunta daria um livro inteiro com a mesma extensão de *A Dialética Revolucionária*. Na verdade, já produzi materiais sobre isso e planejo novas obras de aprofundamento. Então responderei mais profundamente a primeira pergunta e a segunda farei apenas alguns apontamentos. A ideia do livro *A Dialética Revolucionária* é tratar do método dialético, o que pressupõe tratar da consciência. Sem dúvida, a adoção do método dialético tem um pressuposto que é um campo axiomático compatível, que é a perspectiva do proletariado, que se envolve não apenas com a consciência e processos conscientes, mas também com

ENTREVISTA

processos semiconscientes, o inconsciente, etc. A discussão sobre isso é breve e envolve a sua expressão através da ideia de “campo axiomático”. Nessa discussão, esses elementos que ficam implícitos emergem brevemente e sob forma mais geral, sem realizar discernimento dos seus diversos elementos constitutivos (inconsciente, valores, sentimentos, etc.), o que seria inviável em uma obra que já era muito extensa. Isso ajuda a entender a resposta para a questão da obra não ter sido falha ao deixar a psicanálise ausente. A psicanálise, enquanto ideologia, não só está ausente como é recusada, especialmente em algumas de suas manifestações (freudismo ortodoxo, lacanismo, etc.). O que se chama de “psicanálise” é palco de luta e tem várias formas e isso se expressa, intelectualmente, nas várias “escolas psicanalíticas” e, institucionalmente, nas várias “associações psicanalíticas”. Nesse sentido, a psicanálise está ausente. Porém, no sentido de uma teoria da mente humana, ela está presente. Está presente na discussão breve sobre campo axiomático e em passagens aqui e ali da obra. A razão dela não estar mais presente ainda é o foco da obra e isso é parte do próprio método dialético. A realidade é infinita e complexa e por isso não podemos abordar tudo de uma vez (e nem é possível, se considerarmos “tudo” literalmente), e por isso o pesquisador que usa o método dialético realiza o processo de focalização no fenômeno em que aborda e trata de suas relações internas como uma totalidade e dela com suas relações externas da totalidade que lhe cerca que são fundamentais para explicá-la. Assim, dialeticamente, as questões psíquicas não conscientes pouco aparecem na obra por causa do seu foco. A respeito da relação da dialética e da psicanálise, que é uma discussão muito extensa, podemos dizer, sinteticamente, que essa última só pode avançar a partir do uso do método dialético, que o que permite, por exemplo, superar o reducionismo das concepções psicanalíticas vigentes e reintegrar os vários aspectos no seu verdadeiro significado para a mente humana. O reducionismo sexual de Freud, por exemplo, embora traga alguns elementos importantes para entender a relação entre mente e sexualidade, é muito limitado e impede o avanço de uma compreensão mais profunda desse processo relacional e de diversos aspectos relacionados. Por outro lado, a desconsideração dos elementos propriamente psíquicos, tal como o inconsciente, acaba gerando uma limitação na concepção adleriana. E isso poderia ser dito de outras concepções psicanalíticas e a razão disso está em seu vínculo com a episteme burguesa e seus paradigmas, bem como com a sociedade capitalista. Basta ver as manifestações contemporâneas da psicanálise e a força do paradigma subjetivista no seu interior. O uso do método dialético em psicanálise seria fundamental para o desenvolvimento de uma teoria da mente humana e de todos os aspectos relacionados, pois permitiria sua assimilação e assim a superação dos seus vínculos com a episteme burguesa e limites derivados e ampliação e nova base metódica que permite avançar na compreensão dos processos psíquicos. Então a relação

ENTREVISTA

do método dialético com a psicanálise “realmente existente” é de crítica e assimilação. Nesse processo, uma nova psicanálise – que, nesse caso é apenas um nome dado a um foco analítico – emerge em seu lugar. Então a relação é de assimilação da psicanálise pelo marxismo, o que significa que as suas contribuições passam a ser orientadas pela perspectiva do proletariado e pelas teorias geradas a partir dela (materialismo histórico, teoria do capitalismo) e através do uso do método dialético. As contribuições assimiláveis das escolas psicanalíticas são assimiladas e o que não estava contido ainda no marxismo passa a integrar (e ampliar) seu campo perceptivo. A dialética é, assim, o recurso intelectual e consciente que efetiva a assimilação da psicanálise.

Sociologia em Rede: Por fim, *A Dialética Revolucionária* pode ser considerada uma obra definitiva sobre o método dialético e não haverá mais escritos seus sobre essa questão?

Nildo Viana: Eu não diria isso. Uma das coisas que se aprende com a dialética é que existe na realidade processos infinitamente pequenos e no seu interior outros ainda menores, bem como maiores, formando totalidades dentro de totalidades. Sendo assim, ainda existem milhares de coisas a serem exploradas na dialética. Além disso, existem vários outros elementos que precisam desenvolvimento. A discussão sobre categorias, por exemplo, precisa de aprofundamento e ampliação. Outro elemento interessante e complementar é o confronto da dialética com outras concepções mais específicas. Nesse sentido, é possível novos escritos sobre método dialético. Contudo, pelo menos por agora, não estão nos meus planos, pois estou com outros três projetos em andamento– embora estejam relacionados com a dialética não só por ser o método utilizado, mas também por existir outros vínculos – e que vão ocupar um tempo e gerar algumas publicações. Estes projetos são sobre psicanálise, análise dialética do discurso e música. Então um retorno sobre a dialética seria, por enquanto, materiais mais sintéticos e uma nova discussão aprofundada só num futuro mais distante.